
Meu querido autista

Vinte anos atrás eu não pensava que pudesse lidar com a deficiência dele

Por CHARLES A. HART

UMA DAS HISTÓRIAS prediletas de meu avô era a respeito de um fazendeiro que havia apostado poder erguer um novilho adulto. Só precisava de um ano e meio para demonstrá-lo.

O fazendeiro calculou que certamente poderia levantar um bezerro recém-nascido. Contava poder levantá-lo também no segundo dia. Ainda que o bezerro ganhasse peso diariamente, ele iria desenvolvendo a própria força no mesmo ritmo, contanto que estivesse sempre erguendo o animal. Assim, o fazendeiro ia todas as manhãs ao curral. À medida que o bezerro ficava mais pesado, o homem ia fazendo mais força.

Meu avô nunca terminava esta história. Apenas dava uma risadinha e deixava os ouvintes tirarem as próprias conclusões. Quando eu era criança, apostava contra o fazendeiro. O bom senso diz

que nenhum homem pode desenvolver sua força com a mesma rapidez com que um novilho ganha peso.

Por outro lado, por que não acreditar no fazendeiro? Por que não acreditar no impossível? Imaginem o fazendeiro, um ano e meio depois, conduzindo um novilho já completamente desenvolvido. Diante dos companheiros



Escolha- Pai e filho determinaram o fim de sua história.

FOTO: © REX RYSTEDT

www.4tons.com.br

boquiabertos, ele ergue o animal e recolhe o dinheiro da aposta.

Hoje, eu gosto desse final. Ele sugere que os sonhos se tornam realidade e que as pessoas são mais fortes do que imaginam. Essa interpretação me ajuda a entender minha vida, bem como o desafio de conviver com o autismo.

MEU CONVÍVIO COM O autismo vem desde a década de 40. Quando tinha 4 anos, já sabia que Scott, meu irmão, era nosso segredo de família, um constrangimento que mandávamos para o quarto dos fundos quando recebíamos visitas.

Tão logo pudemos, minhas irmãs e eu saímos de casa, ou casando-nos jovens ou ingressando numa faculdade em outra região do país. Não fora Scott quem nos expulsara. O medo, a vergonha e a confusão é que haviam tornado nossa casa insuportável.

Dos 20 aos 30 anos fui atormentado pelo medo: será que eu poderia ter “um filho que jamais se tornaria adulto”? Mas depois de cinco anos de casado, troquei meus pesadelos por esperanças, e minha mulher e eu concebemos nosso primeiro filho.

Ao nascer, Ted passou em todos os testes, alcançando 9 pontos em uma escala de 10 na avaliação de recém-nascidos. No seu segundo aniversário, porém, notamos pequenas peculiaridades. Sua linguagem era estranha. Ele não brincava com as

outras crianças. A pontuação nas avaliações de desenvolvimento começou a cair.

Sofremos com uma série de diagnósticos: lesão cerebral, distúrbio neurológico, e, finalmente, autismo – a mesma palavra usada para identificar o problema de meu irmão Scott. Buscamos meios de “consertar” Ted; quanto mais aprendíamos, porém, mais nossas esperanças se frustravam. Era como se meu pior pesadelo houvesse se tornado realidade; minha segunda família parecia tão condenada quanto a primeira.

O lado positivo era que minha mulher e eu tínhamos recursos de que meus pais não dispunham: emprego fixo e melhor nível de instrução. E os conhecimentos médicos haviam progredido. Decidimos que jamais esconderíamos aquela criança. Ver uma situação como maldição ou bênção era uma questão de interpretação. E dependia apenas de nós.

ENQUANTO minha mulher e eu nos esforçávamos para entender Ted, tentávamos não negligenciar nosso segundo filho, nascido três anos depois. Foi uma dura prova educar dois filhos com necessidades tão diferentes. Atravessamos a infância deles aos trancos e barrancos, mas por ocasião do 21º aniversário de Ted já estávamos bem preparados. Ele se formaria no final do ano letivo. Entre empregos de meio expediente e um cheque de auxílio fede-